



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO EGAS MONIZ

MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E CRIMINAL

**AGRESSORES E VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE
INTIMIDADE: CRENÇAS E VIOLÊNCIA**

Trabalho submetido por

Ana Sofia Ferreira Lagoa

para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense e Criminal

17 de setembro de 2021



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO EGAS MONIZ

MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E CRIMINAL

**AGRESSORES E VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE
INTIMIDADE: CRENÇAS E VIOLÊNCIA**

Trabalho submetido por

Ana Sofia Ferreira Lagoa

para a obtenção do grau de **Mestre** em Psicologia Forense e Criminal

Trabalho orientado por

Prof. Doutora Ana Cristina Pestana Neves

e coorientado por

Prof. Doutora Iris Almeida e Prof. Doutor Ricardo Ventura Baúto

17 de setembro de 2021

Agradecimentos

Agora que chego ao fim destes cinco anos de estudo, torna-se importante agradecer a todas as pessoas que estiveram presentes e me ajudaram neste longo e árduo percurso.

Em primeiro lugar, tenho de agradecer aos meus pais, pela paciência e por todo o encorajamento nos momentos difíceis e stressantes. Por me terem proporcionado a oportunidade de prosseguir os meus estudos e me terem dado apoio quando mais precisei nesta jornada. Quero agradecer ainda às minhas avós, que sempre me perguntam como está a correr o curso, e que se orgulham de ter seguido os meus estudos para a Universidade. Agradeço ainda à minha tia Belinha que acreditou em mim e se orgulha muito de todos os percursos que escolhi até agora.

Agradeço à orientadora Prof. Doutora Cristina Neves, pela orientação e disponibilidade mostradas durante todas as fases desta tese, bem como nos anos de Licenciatura. Agradeço também à Prof. Doutora Iris Almeida e Prof. Doutor Ricardo Baúto pela sua disponibilidade e ajuda nas correções e orientações necessárias neste trabalho.

Agradeço às minhas amigas Filipa Freire e Vanessa Sousa, pelos nossos momentos de entreajuda e apoio durante estes cinco anos, e por me ajudarem a lidar com todo o stress e ansiedade ao longo dos anos. Sem vocês este caminho teria sido muito mais complicado.

“A vida não serve para seres perfeito, serve para alcançares os teus sonhos.”

Resumo

Nos últimos tempos o fenómeno da violência nas relações íntimas tem tido um grande destaque na comunidade científica, estudando tanto a população normativa, como a de agressores e vítimas. As crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas são uma variável de importante estudo, visto que podem estar relacionadas com a perpetração desta violência. O presente estudo encontra-se dividido em dois artigos, sendo que o primeiro é uma revisão sistemática com o objetivo de explorar as crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas nos agressores, e o segundo tem como objetivo comparar as crenças dos agressores e respectivas vítimas usando medidas de auto e heterorrelato. Através da análise de processos-crime, a amostra é constituída por 78 díades agressor-vítima, com 78 agressores do sexo masculino e 78 vítimas do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 20 e 72 anos ($M= 43.59$; $DP= 13.38$), e 18 e 72 anos ($M= 40.79$; $DP= 13.69$) respetivamente. Foram utilizados neste estudo dois instrumentos de autorrelato, a Escala de Crenças de Violência Conjugal (ECVC) e o Inventário de Violência Conjugal (IVC), e foi ainda utilizada a leitura e análise de relatórios forenses. Da revisão sistemática de literatura podemos concluir que a maioria dos estudos descreve os agressores como tendo crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas, sendo elas minimizadoras e/ou de negação da violência. Observa-se no segundo artigo que os agressores apresentam maiores níveis de crenças legitimadoras do que as vítimas. Foram possíveis encontrar correlações significativas entre as crenças legitimadoras de violência dos agressores e a perpetração de violência. Destaca-se ainda que na comparação entre os grupos onde ambos os elementos possuíam crenças, ou onde só o agressor possuía essas crenças, que não existiam diferenças ao nível da perpetração da violência.

Palavras-chave: Violência nas Relações Íntimas, Agressor, Vítima, Crenças

Abstract

Intimate Partner Violence has been an important topic of study in the scientific community, in which researchers study not only normative populations, but also offenders and victims. Legitimizing beliefs of violence in intimate relationships are a variable of much importance in the phenomenon since they're most likely related to the perpetration of violence. The current study is comprised of two articles, where the first is a Systematic Review of Literature about the legitimizing beliefs of violence in relationships by offenders, and the second with the aim of comparing offenders and their respective victims using both self-report instruments and hetero-report methods. Through the analyses of legal cases, the sample is comprised of 78 dyads of offenders-victims, with 78 male offenders and 78 female victims, with ages between 20 to 72 ($M = 43.59$; $DP = 13.38$), and 18 to 72 ($M = 40.79$; $DP = 13.69$) respectively. There were two self-report measures, the Escala de Crenças de Violência Conjugal (ECVC) and Inventário de Violência Conjugal (IVC) which measure legitimizing beliefs and the perpetration of violence respectively, and the analyses of forensic reports. From the systematic review we can conclude that the majority of studies describe offenders as having high levels of legitimizing beliefs of intimate partner violence. From the second study, we conclude that offenders have higher levels of legitimizing beliefs when compared to the population of victims. There were also found correlations between these legitimizing beliefs in offenders and the perpetration of violence. It is also to note that between the groups where the dyad shared these beliefs and where only the offender had these beliefs, there were no differences in the perpetration of violent behavior.

Keywords: Intimate Partner Violence, Offender, Victim, Beliefs

Introdução

A Violência nas Relações Íntimas em Portugal já tem vindo a ser grande alvo de estudo pelos investigadores das mais variadas áreas (Psicologia, Medicina, Sociologia, Antropologia, etc.). A sua definição, dada pela World Health Organization (2021) descreve a violência nas relações íntimas como o comportamento de um parceiro ou ex-parceiro que cause danos físicos, psicológicos e/ou sexuais à vítima. Este conceito abrange também qualquer comportamento que provoque dano psicológico ou sofrimento à vítima como, coerção, controlo e outro tipo de comportamentos abusivos. É de destacar que as crenças legitimadoras de violência têm sido exploradas como uma variável indispensável deste fenómeno, importante na caracterização de ambos agressores e vítimas, isto por estarem intimamente ligadas à perpetração de violência.

O presente estudo inclui uma Revisão Sistemática de Literatura sobre a presença e caracterização de crenças legitimadoras da violência nas relações íntimas dos agressores. E inclui ainda um artigo científico com o objetivo de comparar as crenças legitimadoras dos agressores e das suas respetivas vítimas usando medidas de auto e heterorrelato.

É importante referir que apesar de existirem diversos estudos que explorem a presença de crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas com amostras de agressores e vítimas (Cantos, Neidig & O’Leary, 1993; Scott & Straus, 2007; Londt, 2014; Bates et al., 2018, Juarros-Basterretxea et al., 2019), existe uma carência de estudos onde se compararem ditas populações. Devido a esta escassez de estudos, considera-se que este estudo irá fornecer um importante contributo para a ciência.

A presente investigação encontra-se dividida em dois artigos. O primeiro é uma Revisão Sistemática de literatura que explora a temática da presença e caracterização das crenças legitimadoras em agressores. O segundo artigo é composto por um estudo empírico onde se pretende comparar agressores e respetivas vítimas nas suas crenças legitimadoras.

Índice Geral

Artigo 1 - Batterer's Beliefs of Intimate Partner Violence: A Systematic Review	7
Introduction	9
Objective	9
Method	11
Results	13
The Role of Social Desirability	15
Discussion	17
Limitations	17
Conclusions	18
References	19
Artigo 2 – Agressores e Vítimas de Violência nas Relações Íntimas: Crenças e Violência	23
Introdução	25
Violência nas Relações Íntimas	25
Crenças Legitimadoras de Violência nas Relações Íntimas	26
As Crenças Legitimadoras de Violência em Agressores e Vítimas	27
Metodologias de Avaliação das Crenças e Desejabilidade Social	28
Método	31
Participantes	31
Medidas	32
Procedimento	33
Resultados	35
Discussão	43
Referências	49

Índice de Figuras

Figura 1. Article Selection Process – PRISMA Method	12
---	----

Índice de Tabelas

Tabela 1. Descrição da Amostra	31
Tabela 2. Estatísticas Descritivas do ECVC da Amostra	35
Tabela 3. Teste-t de Amostras Emparelhadas entre o ECVC da Vítima e do Agressor	36
Tabela 4. Correlações entre o ECVC da Vítima e Agressor	36
Tabela 5. Associação entre as Crenças dos Agressores e Vítimas	37
Tabela 6. Análise Descritiva do Instrumento IVC	38
Tabela 7. Correlações entre os Fatores do ECVC e IVC dos Agressores	38

1º Artigo

Batterer's Beliefs of Intimate Partner Violence: A Systematic Review

Ana Sofia Ferreira Lagoa, Ana Cristina Pestana Neves, Iris Almeida, Ricardo Ventura

Baúto, & Catarina Ramos

Instituto Universitário Egas Moniz (Campus Universitário, Quinta da Granja, 2829-511

Monte de Caparica, Almada)

Nota: O artigo foi submetido para publicação na revista Europe's Journal of Psychology

The World Health Organization (WHO, 2021), defines intimate partner violence as a cluster of behaviors or acts of violence that cause psychological, physical, and/or sexual harm. These include physical aggression, controlling and dominant behaviors, and psychological abuse.

The Centre for Disease Control and Prevention (CDC, 2020) also defines intimate partner violence as a serious and preventable public health problem. This term englobes physical and sexual violence, psychological harm, and stalking by a current or former partner. This violence can occur not only in heterosexual relationships but also in homosexual ones, affecting every gender.

The interest in batterers for scientific investigation has been on the rise in recent years, exploring their characteristics that contribute as risk factors for the phenomena. The belief systems in batterers that legitimize violence inside of romantic relations have been studied as means to characterize this population (Heise, 1998; Henning, & Holdford, 2006).

These beliefs are described as wrong interpretations of reality, which can be present not only on batterers but on their victims as well. These types of beliefs lead to the minimization, justification, and even denial of violence inside of intimate relationships, attributing the blame to external causes. This will cause persistence in the use of violence inside of intimate relationships, proven by investigators on the matter (Hutchings et al., 2010).

Therefore, batterers tend to justify their violent behavior through the elaboration of cognitions that minimize their acts (e.g. “This situation is not as bad as it seems”), sometimes leading to the total denial of the violence perpetrated. The increase in the number of cognitions that justify violence in intimate relationships, builds beliefs that will legitimize this violence as well (Reitz, 1999; Henning, Jones, & Holdford, 2005). These beliefs are also associated with patriarchal ideals and models in society around the world. Societies that are based on patriarchal and sexist models, can motivate, and reinforce attitudes and beliefs of acceptance of violence in intimate relationships (Heise, 1998; McCloskey et al., 2004; Torres & Han, 2003).

Objective

The main objective of this systematic review is to prove the associations between beliefs that legitimize violence in intimate relationships and the phenomena of intimate partner violence.

Method

This systematic review of literature was conducted according to the Preferred Reporting Items for Systematic Reviews (PRISMA) guidelines (Moher et al. 2009).

This systematic review went through a rigorous search and selection of articles for analysis according to criteria set by the investigators. Through April of 2020 and February of 2021, the search of articles for review was executed through the following platforms: Sage Publications, Google Scholar, ResearchGate, and EBSCO. For this research, the following keywords were used: batterer, domestic abuser, perpetrator, intimate partner violence, attitudes, beliefs, cognitions.

Inclusion Criteria

The criteria for inclusion of papers were: a) articles published in English, Spanish or Portuguese; b) articles with a population of batterers; c) articles which included batterers and other types of offenders as a control group; d) articles which used a population of couples with a history of intimate partner violence; e) articles analyzing beliefs, cognitions or attitudes which legitimize violence in intimate relationships; f) every article published until the year 2021.

Exclusion Criteria

The criteria for exclusion of papers were: a) studies with a normative population; b) articles including a population of police officers, healthcare, and education workers; c) dissertations, unpublished studies, and articles in other languages were excluded.

The method of snowballing was used in this study to find as many studies in this matter, to complete this systematic review. These articles went through analysis, using the inclusion and exclusion criteria set by the investigators.

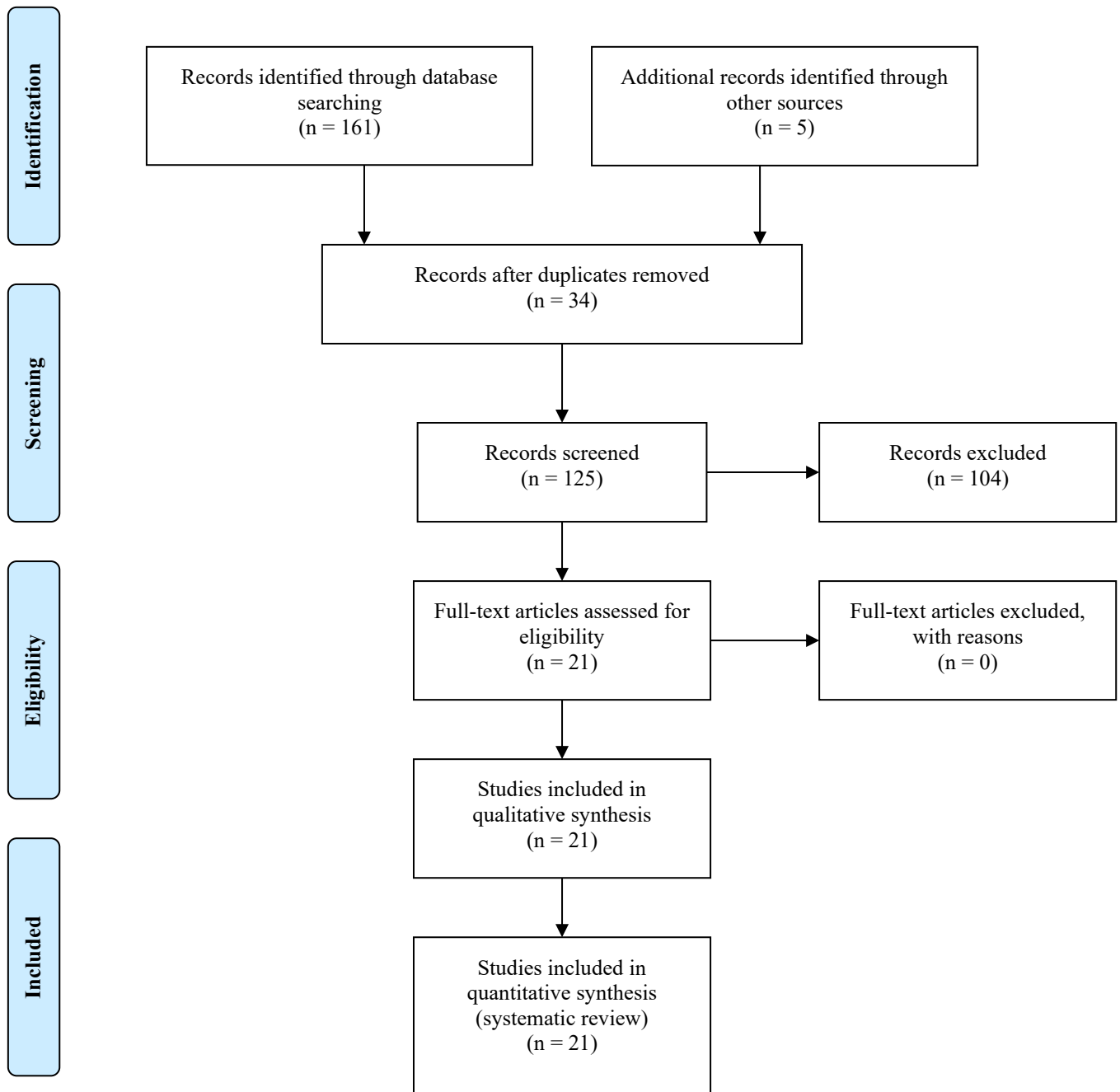
Article Selection Process

In the databases referred above, we found 161 articles. From these 161, 36 papers were excluded by their title. From the analysis of the Abstract, 104 papers were excluded for: I) repeated studies (34 articles); II) papers that were selected by the database, but didn't use the populations aimed for this study (56 articles); III) dissertations or doctored thesis (10 articles); IV) studies that were in a language not selected by the inclusion criteria (4 articles). From the full-text reading, 16 papers were selected for this study, including 5 studies obtained through the snowballing method. In total, 21 studies were used for systematic review.

This process can also be comprehended through the PRISMA flow diagram, evidenced in Figure 1.

Figure 1

Article Selection Process – PRISMA Method



Results

The first study that aimed to study batterers and their beliefs was by a group of investigators in Israel (Eisikovits et al., 1991) which studied this population by comparing it to a control group of non-violent offenders. This study, which used quantitative methods of research and analysis, aimed to discover differences between the two groups of this study. This study was innovative because, even though there existed some differences in these beliefs between the two groups, both had high levels of beliefs that legitimized violence in intimate relationships. With this investigation, it was also possible to observe that these beliefs were correlated to situations of violence inside the intimate context.

Cantos, Neidig, and O'Leary (1993), in a study with couples previously signaled with domestic violence issues, aimed to measure the belief systems of the batterers, as well as the typologies of violence perpetrated in the relationship. Through this study, it was observed that the men (which were the batterers in the sample) tended to blame their partner for the acts of violence perpetrated. This result shows that the attribution of blame to the other party was an attitude that justified the violence in intimate relationships.

Reitz (1999), through the use of qualitative measures (such as semi-structured interviews), analyzed the beliefs in 9 batterers in an intervention program. This investigator observed that all the batterers in this sample had not only sexist attitudes but also beliefs that legitimized violence in intimate relationships. These beliefs also obtained a positive correlation with the phenomena of intimate partner violence.

Mendoza and Cummings (2001), recruited 109 men in an intervention program for batterers, intending to evaluate and quantify negative beliefs and attitudes towards women. The men in this study that identified as "*macho*" had more negative attitudes and beliefs towards women, which made them more violent in relationships.

In a study by Henning, Jones, and Holdford (2005), which studied a population of 1267 men and 159 women sentenced to crimes related to domestic violence, they aimed to study the beliefs of this sample. This investigation showed that both sexes had beliefs of minimization and attributed the blame to their victims (88% of the total sample), even if these values were lower in the women of this study. A quarter of the sample also denied the existence of violence in their relationships.

In another study by Henning and Holdford (2006), the aim was to create a psychological instrument to measure beliefs and attitudes that legitimized violence in

intimate relationships. This study used a sample of 2824 batterers on probation, which led them to discover that all of them had high levels of attributions of blame and denial of situations of violence. These investigators also discovered that 72% of batterers denied the impact this violence had on their partner/children, 59% denied the use of physical violence and 22% denied that there was even a fight between the couple. Furthermore, two-thirds of the sample blamed the victim for the violence they perpetrated, and 50% said that they acted in self-defense.

Lila, Herrero, and Gracia (2008), studied 119 domestic abusers integrated into an intervention program designed for batterers. These investigators also created a psychological measure for these attributions of blame, minimization, and denial of violence in intimate relationships. It was observed that these offenders tended to blame their victim for the violence perpetrated, also, surprisingly, these offenders didn't show high levels of minimization of this violence. This result was explained by the investigators with the high levels of social desirability in this sample, that were negatively correlated to this minimization.

Harris, Hilton, and Rice (2011), through the analysis of legal cases of 547 batterers, the investigators used the PCL-R, to not only measure psychopathy in the sample but also some beliefs they had about the violence perpetrated. This study showed that the presence of attitudes towards the acceptance of violence, denial, minimization, and pro-criminal attitudes, made the probability of violence inside of intimate relationships much higher.

Eckhardt and collaborators (2012), did a study with a sample of 50 batterers and 50 men that were sentenced with non-violent crimes, to compare these two groups. This study didn't show any significant differences between the two groups, because both had high levels of attitudes of acceptance towards violence in intimate relationships. However, this study had an unexpected result that showed these beliefs and attitudes were negatively correlated to situations of violence in intimate settings (which does not follow previous studies mentioned above).

Lila, Gracia and Murgui (2013), used a sample of 314 batterers in a community-based intervention program to study these same beliefs and attitudes that legitimized violence in intimate relationships. The results of this investigation showed that these beliefs were associated with high levels of psychological maladjustment of the batterer. Not only that but these beliefs were also associated with stressful events such as violence in the intimate context.

Arias and collaborators (2017), did a study with 71 batterers integrated into an intervention program to reduce gender-based violence. The results showed, just as most of the studies mentioned above, that the totality of this sample showed the presence of beliefs and attitudes that legitimized violence in intimate relationships. It was also observed that these offenders had high levels of sexist attitudes and that these were correlated with intimate partner violence.

Juarros-Basterretxea, and collaborators (2019), aimed to study the repercussions of sexist attitudes on intimate partner violence. The sample consisted of 196 batterers sentenced with domestic violence related crimes. It was possible to observe that these sexist attitudes predicted intimate partner violence. Furthermore, these same attitudes, if existed in higher levels, more other types of beliefs and attitudes that supported violence in intimate relationships would occur.

Lastly, Arias, and collaborators (2020), studied 141 batterers integrated into an intervention program, intending to measure irrational beliefs regarding intimate partner violence. In a pre-intervention stage, it was possible to observe that the totality of the sample had high levels of these types of beliefs and cognitive distortions. In a post-intervention setting, these beliefs appeared in lower levels. These studies are also synthesized in table format, at Table 1.

The Role of Social Desirability

One of the articles found in this systematic review, explored the role of social desirability in these beliefs, making them more inflated or diminished. This is an important variable to this study since it can mean that these results might be lacking in validity. Henning and Holdford (2006), tested this variable through the use of a psychological instrument and concluded that some of these batterers were deflating their results when it came to their beliefs (proving that these are still valid and an important occurrence). These results prove the need to use instruments that measure social desirability when studying beliefs in this type of sample, seen as they could have this tendency to minimize their results.

The results shown above show that batterers do have beliefs and attitudes that legitimize intimate partner violence. These attitudes can also assume various forms, like minimization, denial, attribution of blame, and justification. This minimization and denial of violent acts in relationships are correlated with intimate partner violence, which also shows that these attitudes/beliefs can predict this phenomenon. Every study verified the statements above despite being from different geographical areas, like the

United States of America, Spain, Canada, Nepal, and Israel. This geographical dispersion shows that the presence of beliefs that legitimize intimate partner violence in batterers is most likely universal.

It is also important to note that the majority of these studies had a quantitative approach, with a singular study with the use of qualitative methodology and one other with mixed methods. The samples across studies are mostly of batterers, despite one of the studies making use of couples, and two others that used control groups with non-violent offenders to compare with these batterers.

Discussion

Through the data collected from the studies, we can observe that batterers have the disposition to legitimize violence in their relationships. These articles, which both use quantitative and qualitative methods show the same results regarding the presence of beliefs/attitudes that justify, minimize, or deny intimate partner violence. These studies show significant correlations between the two variables of this systematic review, which shows their scientific relevance, highlighting some studies which produced the highest significant results (Eisikovits et al., 1991; Henning, Jones & Holdford, 2005; Lila, Gracia, & Murgui, 2013; Juarros- Basterretxea, et al., 2019).

There's a hugely interesting result from the study of Eckhardt et al. (2012), in which we can note that the population of batterers didn't produce any difference in results in comparison to non-violent offenders (showing that both had high levels of beliefs that legitimized intimate partner violence). This result is of extreme importance as it indicates that non-violent offenders can also have these types of beliefs and attitudes, showing the severity of this issue.

These statements show the growing scientific significance of this circumstance, especially when it comes to intervening in this population. The need to prevent these types of cognitions that legitimize intimate partner violence can help reduce the phenomenon itself. In terms of intervention, many studies have been made about the efficacy of these programs on the reduction of beliefs that legitimize intimate partner violence, as well as in reducing violent behavior in relationships (Buttel, & Carney, 2005; Schmidt, et al. 2007; Herman, et al., 2014; Cunha, & Gonçalves, 2015). This shows that working these beliefs in an intervention setting is of extreme importance in reducing violence in relations.

Limitations

As limitations of the studies found for this systematic review, most of them referenced the lack of mixed-method analysis, as well as the necessity of producing experimental studies with a control group, seeing as there are only two with this method. These limitations can be suggestions for future studies, as they can produce extremely significant scientific results. There's still the limitation of not existing other systematic reviews or meta-analyses on this matter, so there's no comparison between other studies.

As for the limitations of this systematic review, studies may have been overlooked if they did not have the format of a scientific article, if they have been

published in less renowned journals, or are not published in the English, Spanish or Portuguese languages. We also need to highlight the discrepancy in number of studies done with batterers and in the normative population when it comes to beliefs about intimate partner violence (Russel et al., 2016; Neves, & Almeida, 2019). This reveals the scarcity of studies done with a sample of batterers, the perpetrators of this violence. There's also the need to bring out that this systematic review doesn't include non-published articles, as well as dissertations, slightly reducing the scientific validity of this study. There's only one study that explores the beliefs of female batterers, which is a great limitation of this systematic review, so there's no way we can generalize this phenomenon in this particular sample. Nonetheless, it is an important result for further investigation in this matter. It would also be of extreme significance to increase the number of studies in this area, as well as meta-analysis to support the scientific validity of this phenomenon.

Conclusions

To sum up everything that has been stated so far, in this systematic review we found a total of 21 articles that investigated the connections between legitimizing beliefs in batterers, and its association with intimate partner violence. Our results show this relation between the two variables of this study, which was proven to be extremely significant. There is also the need for more studies with a sample of batterers is needed, as well as studying characteristics that can be worked through intervention in hopes of reducing intimate partner violence. These characteristics can also help in the prevention of this behavior so, these beliefs need to be worked in a setting that can overthrow these toxic cognitions and attitudes.

References

- Arias E., Novo M., Fariña F., & Arce R. (May, 2017). Estudio de la prevalencia e impacto de las creencias irracionales en agresores de género. Paper presented at the: *Psicología Jurídica: Conocimiento y Práctica*. Sevilla: University of Sevilla.
- Arias E., Vázquez M. J., Selaya A., Fariña F., & Redondo L. (2020). Intimate partner batterers: irrational beliefs, distorted thoughts and concealment. *Psychology and Law: Research for Practice*, 68, 51-62. Doi: 10.2478/9788395669682-005.
- Buttel F. P., & Carney M. M. (2005). Do batterer intervention programs serve african american and caucasian batterers equally well? An investigation of a 26-week program. *Research on Social Work Practice*, 15(1), 19-28. DOI: 10.1177/1049731504267335.
- Cantos A. L., Neidig P. H., & O'Leary K. D. (1993). Men and women's attributions of blame for domestic violence. *Journal of Family Violence*, 8(4), 289-302. DOI: 0885-7482/93/1200-0289\$7.00/.
- Centers for Disease Control and Prevention (2020). *Intimate partner violence*. Retrieved from:
<https://www.cdc.gov/violenceprevention/intimatepartnerviolence/index.html>.
- Cunha O. S., & Gonçalves R. A. (2015). Efficacy assessment of an intervention program with batterers. *Small Group Research*, 46(4), 455-482. DOI: 10.1177/1046496415592478.
- Eckhardt C. I., Samper R., Suhr L., & Holtzworth-Munroe A. (2012). Implicit attitudes toward violence among male perpetrators of intimate partner violence: a preliminary investigation. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(3), 471-491. DOI: 10.1177/0886260511421677.
- Eisikovitz Z. C., Edleson J. L., Guttman E., & Sela-Amit M., (1991). Cognitive styles and socialized attitudes of men who batter: where should we intervene?. *Family Relations*, 40 (1), 72-77. DOI: 128.235.251.160.
- Harris G. T., Hilton Z. N., & Rice M. E. (2011). Explaining the frequency of intimate partner violence by male perpetrators: do attitude, relationship, and neighborhood variables add to antisociality?. *Criminal Justice and Behavior*, 38(4), 309-331. DOI: 10.1177/0093854810397449.

- Heise, L.L. (1998). Violence against women: an integrated, ecological framework. *Violence Against Women* 4, 262–290. DOI: 10.1177/1077801298004003002.
- Herman K., Rotunda R., Williamson G., & Vodanovich S. (2014). Outcomes from a duluth model batterer intervention program at completion and long-term follow-up. *Journal of Offender Rehabilitation*, 53(1), 1-18. DOI: 10.1080/10509674.2013.861316.
- Henning K., & Holdford R. (2006). Minimization, denial, and victim blaming by batterers how much does the truth matter?. *Criminal Justice and Behavior*, 33(1), 110-130. DOI: 10.1177/0093854805282322.
- Henning K., Jones A. R., & Holdford R. (2005). “I didn’t do it, but if i did i had a good reason”: minimization, denial, and attributions of blame among male and female domestic violence offenders. *Journal of Family Violence*, 20(3), 131-139. DOI: 10.1007/s10896-005-3647-8.
- Hutchings, J. N., Gannon, T. A., & Gilchrist, E. (2010). A preliminary investigation of a new pictorial method of measuring aggression-supportive cognition among young aggressive males. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 54, 236-249. DOI: 10.1177/0306624X0832535.
- Juarros-Basterretxea J., Overall N., Herrero J., & Rodríguez-Díaz F. (2019). Considering the effect of sexism on psychological intimate partner violence: a study with imprisoned men. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 11(2), 61-69. DOI: 10.5093/ejpalc2019a1.
- Lila M., Gracia E., & Murgui S. (2013). Psychological adjustment and victim-blaming among intimate partner violence offenders: The role of social support and stressful life events. *The European Journal of Psychology Applied to the Legal Context*, 5, 147-153. DOI: 10.5093/ejpalc2013a4.
- Lila M., Herrero J., & Gracia E. (2008). Evaluating attribution of responsibility and minimization by male batterers: implications for batterer programs. *The Open Criminology Journal*, 1, 4-11. DOI: 1874-9178/08.
- McCloskey K. A., Sitaker M., Grigsby N., & Malloy K. A. (2004). Characteristics of male batterers in treatment: an example of a localized program evaluation concerning attrition. *Journal of Aggression Maltreatment and Trauma*, 8(4), 67-95. DOI: 10.1300/J146v08n04_04.

- Mendoza J., & Cummings A. L. (2001). Help-seeking and male gender-role attitudes in male batterers. *Journal of Interpersonal Violence*, 16(8), 822-840. DOI: 10.1177/088626001016008006.
- Neves A. C., & Almeida I. S. (2019). Beliefs about intimate partner violence: gender and generation effects. *Psychology and Law: Research for Practice*, 63-74. DOI: 10.2478/9788395669682-006.
- Russel B., Kraus S. W., Chapleau K. M., & Oswald D. (2016). Perceptions of blame in intimate partner violence: the role of perpetrator's ability to arouse fear of injury in the victim. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-9. DOI: 10.1177/0886260516646999.
- Schmidt M. C., Kolodinsky J. M., Carsten G., Schmidt F. E., Larson M., & MacLachlan C. (2007). Short-term change in attitude and motivating factors to change abusive behavior of male batterers after participating in a group intervention program based on the pro-feminist and cognitive-behavioral approach. *Journal of Family Violence*, 22, 91-100. DOI: 10.1007/s10896-007-9064-4.
- Torres S., & Han H. (2003). Women's perceptions of their male batterer's characteristics and level of violence. *Issues in Mental Health Nursing*, 24(6), 667-679. DOI: 10.1080/01612840305317.
- World Health Organization (WHO, 1993). Declaration on the elimination of violence against women. New York: United Nations.

2º Artigo

Agressores e Vítimas de Violência nas Relações Íntimas: Crenças e Violência

Ana Sofia Ferreira Lagoa, Ana Cristina Pestana Neves, Iris Almeida, & Ricardo

Ventura Baúto

Instituto Universitário Egas Moniz (Campus Universitário, Quinta da Granja, 2829-511

Monte de Caparica, Almada)

Introdução

A Violência nas Relações Íntimas (VRI) é um fenómeno de extrema relevância no século XXI. Este ocorre de forma universal, sendo também um objeto de estudo para a comunidade científica. Os estudos realizados analisam as suas mais variadas valências em diferentes populações, de forma a tentar perceber as razões deste fenómeno, bem como as formas de prevenir e intervir.

Os intervenientes neste fenómeno são o agressor e a vítima, tendo em si as mais variadas características que são alvo de estudo pela comunidade científica, sendo uma delas a presença de crenças que legitimam e minimizam a violência nas relações íntimas.

As crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas têm sido estudadas maioritariamente em agressores (Eisikovits, et al., 1991; Reitz, 1999; Lila, Herrero & Gracia, 2008; Harris, Hilton, & Rice, 2011; Lila, Gracia, & Murgui, 2013; Juarros-Basterretxea et al., 2019), existindo, também, estudos, mesmo que em menor escala, sobre a presença destas crenças legitimadoras em vítimas (Trujano, Martínez, & Camacho, 2010; Londt, 2014; Spruin, et al., 2017; Bates, et al., 2018; Sunmola et al., 2019).

O estudo das crenças nesta diáde ainda não foi realizado, existindo uma necessidade da análise desta relação, para uma melhor intervenção em situações de violência doméstica e para que esta seja mais eficaz.

Este estudo propõe-se a analisar a diáde agressor-vítima nas suas crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas.

Violência nas Relações Íntimas

A World Health Organization (WHO, 2021), define a violência nas relações íntimas como o comportamento de um parceiro ou ex-parceiro que cause danos físicos, psicológicos e/ou sexuais à vítima. Este conceito abrange também qualquer comportamento que provoque dano mental ou sofrimento à vítima como, coerção, controlo e outro tipo de comportamentos abusivos.

Uma das definições portuguesas de Violência Doméstica está tipificada no artigo 152º do Código Penal, sendo considerada como crime e onde segundo o qual: “Quem, de modo reiterado ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais: ao cônjuge ou ex-cônjuge; A pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido

uma relação de namoro ou uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação; A progenitor de descendente comum em 1.º grau; ou a pessoa particularmente indefesa, nomeadamente em razão da idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com ele coabite” (Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa, 2019).

Crenças Legitimadoras de Violências nas Relações Íntimas

As crenças legitimadoras da violência nas relações íntimas são cognições que advêm de interpretações erradas da realidade, sendo que estas têm prevalência na população de agressores e vítimas deste tipo de violência. Estas crenças contribuem para a minimização, culpabilização e justificação através de variáveis externas nas situações de violência nas relações íntimas, contribuindo para que estas persistam no tempo (Hutchings et al., 2010).

O primeiro estudo que se propôs estudar o fenómeno das crenças legitimadoras de violência íntima na população de agressores, foi feito por uma equipa de investigadores israelitas. Eisikovits e colaboradores (1991), realizaram um estudo a 60 agressores condenados por violência doméstica, comparando-os com um grupo de controlo de 60 homens não violentos.

Através de medidas quantitativas para a avaliação e quantificação de crenças minimizadoras e legitimadoras na população, os investigadores observaram que não existiam diferenças significativas entre os dois grupos. Ou seja, tanto o grupo de controlo, como a população de agressores de violência doméstica, possuíam valores elevados de crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas, mostrando a dimensão desta problemática.

Segundo alguns autores, as crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas, advêm de ideais de superioridade masculina construídos pelas sociedades do mundo. Sociedades com modelos patriarcais e sexistas, podem motivar e reforçar atitudes que facilitam as situações de violência nas relações íntimas (Heise, 1998; McCloskey, et al., 2004; Torres & Han, 2003).

Desta maneira, tanto os agressores como as vítimas tendem a justificar os comportamentos violentos através da elaboração de cognições de minimização das situações (e.g. “A situação não foi assim tão grave”) chegando por vezes a negar a situação de violência. Este crescente número de cognições, irão levar à formação de crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas (Reitz, 1999; Henning, Jones, & Holdford, 2005; Cantos, Neidig & O’Leary, 1993; Scott & Straus, 2007)

É importante mencionar que as crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas não ocorrem apenas em agressores e vítimas deste crime, mas também na população normativa.

Num estudo de Neves e Almeida (2019), usando o instrumento ECVV (Escala de Crenças de Violência Conjugal) foi possível observar que a população geral possui valores baixos de legitimação da violência, onde apenas os fatores 1 (Legitimação e Banalização da Pequena Violência) e 2 (Legitimação da Violência pela Conduta da Mulher) produziram resultados mais elevados.

Também foi possível observar que a geração mais velha da amostra possuía valores mais elevados de crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas do que as gerações mais novas. É de destacar também que neste estudo, nas gerações mais velhas, tanto os homens como as mulheres tinham os mesmos níveis de crenças legitimadoras, enquanto que em gerações mais novas, os homens tinham valores superiores aos das mulheres da amostra.

Outros estudos mostram esta mesma tendência de a população normativa ter também em si estas crenças e atitudes legitimadoras de violência nas relações íntimas (Carlson & Worden, 2005; Seelau & Seelau, 2005; Domingues et al., 2009; Feldon & Feld, 2009; Gracia, 2014; Russel et al., 2016).

As Crenças Legitimadoras de Violência em Agressores e Vítimas

Como referido anteriormente, os agressores de violência nas relações íntimas, poderão ter em si estas crenças enraizadas que justificam e minimizam a violência nas relações íntimas.

Num estudo qualitativo de Reitz (1999), através da realização de entrevistas semiestruturadas a nove agressores e de análises de conteúdo, o autor concluiu que toda a sua amostra possuía crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas. Toda a amostra possuía crenças de legitimação da violência quando esta era considerada menos grave (bofetadas e empurrões), bem como uma justificação da violência pelos papéis de género (onde estes agressores recorreriam à violência sempre que achassem que as vítimas não estariam a cumprir tarefas associadas ao seu género).

Outros estudos realizados em população de agressores de violência nas relações íntimas mostram resultados elevados para a presença de crenças, onde estas se encontram positivamente correlacionadas com situações de violência nas relações íntimas (Lila, Herrero & Gracia, 2008; Harris, Hilton, & Rice, 2011; Lila, Gracia, & Murgui, 2013; Juarros- Basterretxea et al., 2019).

O estudo das crenças legitimadoras de violência nas vítimas deste crime nem sempre teve relevância científica, mas com o desenvolvimento de programas de intervenção em situações de violência doméstica nos agressores, começou-se a encontrar evidência que também as vítimas tinham em si estas crenças e atitudes legitimadoras.

Num estudo de Spruin e colaboradores (2017) com 12 mulheres vítimas de violência doméstica, onde, através de análises temáticas das entrevistas realizadas, foi possível perceber os tipos de crenças presentes. Todas as participantes atribuíam a si mesmas a culpa das situações de violência doméstica. Oito das doze participantes atribuíam a culpa das situações de abuso às normas sociais, que provocavam em si pensamentos antissociais de que a violência é aceitável dentro das relações íntimas. Muitas das vítimas (onze) também atribuíam as causas da violência a fatores externos ambientais (como educação, estatuto social e doença).

Também num estudo quantitativo foi possível perceber esta atribuição de culpa por parte das vítimas. Sunmola e colaboradores (2019), realizaram um estudo com uma amostra de 19,360 mulheres, onde as crenças de violência estavam presentes em todas as participantes, e estas aumentariam consoante a gravidade da violência sofrida (quer fosse física, psicológica ou sexual). As participantes deste estudo consideravam normativos os comportamentos agressivos dos parceiros, contribuindo para o número elevado de crenças na população estudada.

Outros estudos realizados em vítimas produzem resultados que provam a existência de crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas, estando estas positivamente relacionadas com situações de violência (Trujano, Martínez, & Camacho, 2010; Londt, 2014; Bates et al., 2018).

Existe, porém, um estudo que não segue esta tendência, esta investigação revela que ser do sexo feminino implica uma menor presença de crenças legitimadoras de IPV em relação aos homens (Herrero, Rodríguez & Torres, 2016). Apesar de não negar a existência de crenças nas vítimas de violência doméstica, este resultado obteve valores significativamente mais baixos que dos agressores da amostra.

A comparação da díade vítima/agressor nas suas crenças legitimadoras de violência é uma área que necessita de estudo. No entanto, existe um estudo que explora a existência de crenças em casais ditos normativos. Num estudo de Yoshikawa et al. (2014) (n= 717 casais), mais de metade dos casais desta amostra (80%) não

apresentavam crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas, um resultado inesperado para os investigadores.

Metodologias de Avaliação das Crenças e o Papel da Desejabilidade Social

As crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas, podem ser inflacionadas ou diminuídas pela aplicação de certos instrumentos de autoavaliação, nomeadamente pelo efeito da desejabilidade social.

Henning e Holdford (2006), testaram a desejabilidade social numa população de agressores conjugais, mostrando que as suas crenças se encontravam diminuídas ou até mesmo inexistentes (mesmo quando havia provas da sua existência através do discurso; os valores de desejabilidade social seriam então bastante altos). Estes resultados provam que é necessário haver uma especial atenção à desejabilidade social desta população, havendo um controlo da mesma através do uso de um instrumento que seja capaz de a detetar.

Os instrumentos de autorrelato poderão então trazer limitações para os estudos realizados, isto por estarem expostos aos efeitos da desejabilidade social, sendo importante o uso de medidas alternativas, ou seja, de heterorrelato, para medir as crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas, como a realização de entrevistas.

O Presente estudo

O presente estudo tem como objetivo comparar as crenças legitimadoras de violência dos agressores e das suas respetivas vítimas usando medidas de auto e heterorrelato. Relativamente a objetivos específicos deste estudo pretende-se:

- Comparar agressores e respetivas vítimas nas suas crenças sobre a violência nas relações íntimas;
- Averiguar se a partilha de crenças legitimadoras de violência entre agressor e vítima está relacionada com o tipo e severidade da violência perpetrada.

Método

Participantes

Os participantes deste estudo são 78 díades agressor-vítima que foram submetidos a avaliação psicológica forense aquando de processos-crimes instaurados.

Foram recolhidos processos entre maio e julho de 2021, cujos processos judiciais estivessem arquivados ou transitados em julgado entre os anos de 2012 a 2020. Foram excluídos do estudo díades onde não era possível apurar qual o agressor ou vítima no processo (em casos de denúncia contra denúncia) e participantes em que o estado mental/psicológico poderia estar afetado (tornando as provas inválidas).

Desta amostra, a sua totalidade apresenta agressores do sexo masculino e vítimas do sexo feminino. Os agressores têm idades compreendidas entre os 20 e 72 anos ($M=43.59$; $DP=13.38$), sendo que as vítimas desta amostra têm idades compreendidas entre os 18 e 72 anos ($M=40.79$; $DP=13.69$).

A restante descrição da amostra poderá ser observada na Tabela 1.

Tabela 1
Descrição da Amostra

		Agressores		Vítimas	
		n	%	n	%
Nacionalidade	Portuguesa	75	96.2	72	92.3
	PALOP	3	3.8	3	3.8
	Brasileira	0	.0	3	3.8
Estado Civil	Solteiro(a)	25	32.1	30	38.5
	Casado(a)	32	41	28	35.9
	União de facto	3	3.8	2	2.6
	Divorciado(a)	12	15.4	12	15.4
	Separado(a)	6	7.7	6	7.7
Situação Profissional	Empregado(a)	57	73.1	52	66.7
	Desempregado(a)	17	21.8	16	20.5
	Estudante	1	1.3	5	6.4
	Reformado(a)	3	3.8	5	6.4

Área Profissional	Transportes	14	17.9	0	.0
	Serviços	24	30.8	30	38.5
	Forças de Segurança	9	11.5	0	.0
	Restauração	5	6.4	6	7.7
	Educação	2	2.6	2	2.6
	Saúde	2	2.6	9	11.5
	Outros	1	1.3	5	6.4

Medidas

Para a avaliação das crenças dos agressores e vítimas da amostra foi usado um instrumento de autorrelato, designado de ECVC, bem como uma medida de heterorrelato, a análise de relatórios forenses.

O ECVC (Machado, Matos & Gonçalves, 2006), permite a avaliação, através do autorrelato, de crenças e atitudes relativamente à violência física e psicológica nas relações conjugais, medindo, assim, o grau de legitimação em relação a esta. Este instrumento tem um total de 25 itens, cada um com uma escala de Likert com 5 níveis de resposta (1 – discordo totalmente; 2 – discordo; 3 – não concordo nem discordo; 4 – concordo; e 5 – concordo totalmente).

A pontuação total é obtida através da soma direta de todos os itens. Este instrumento avalia ainda quatro fatores: legitimação/banalização da pequena violência, legitimação da violência pela conduta da mulher, legitimação da violência pela sua atribuição a causas externas, e legitimação pela preservação da privacidade familiar. Os valores totais desta escala podem ir de 25 a 125 pontos e quanto mais alta for a pontuação nesta escala, maiores serão os valores de legitimação da violência nas relações íntimas.

A Escala original tem como valor de Alpha de Cronbach de 0.93. No presente estudo este instrumento produziu um valor de alpha na escala total de 0.94; o fator 1 deste instrumento produziu um valor de alpha de 0.92, o fator 2 com alpha de 0.85, o fator 3 com alpha de 0.84, e por último o fator 4 com valor alpha de 0.82.

Para avaliar a perpetração de violência dentro da relação foi usado o IVC (Inventário de Violência Conjugal) uma medida de autorrelato. O Inventário de Violência Conjugal (I.V.C., Machado, Matos & Gonçalves, 2006) é instrumento de autorrelato composto por 21 itens que permitem avaliar a prevalência e frequência da violência sofrida e/ou perpetrada por parceiros amorosos em relações atuais ou passadas. Este instrumento

encontra-se dividido em duas partes A e B, onde a primeira se refere a violência perpetrada/sofrida na relação atual, e a segunda, na violência perpetrada ou sofrida numa relação passada.

Através da cotação deste instrumento é possível identificar os participantes como ofensores e não-ofensores bem como vítimas ou não vítimas de violência. Este inventário divide-se ainda em três fatores, dos quais: maus-tratos físicos, maus-tratos físicos severos e maus-tratos emocionais (que compreendem comportamentos violentos a nível físico e psicológico).

O valor de Alpha de Cronbach do primeiro fator foi de 0.75, do segundo fator foi de 0.77, e o terceiro fator com valor de 0.52. Não havendo uma cotação total desta escala, é recomendado que se faça uma análise item a item para a avaliação da prevalência/frequência de comportamentos abusivos, bem como a análise dos fatores mencionados anteriormente.

Todos os dados recolhidos foram registados numa grelha de recolha de dados elaborada pela equipa de investigação, que serviu de suporte à consulta dos processos analisados.

Procedimento

O presente estudo foi aprovado pelo Conselho Científico do Instituto Universitário Egas Moniz e pela Comissão de Ética da Egas Moniz.

Os dados foram recolhidos através da leitura e análise de processos do Laboratório de Ciências Forenses e Psicológicas Egas Moniz (LCFPPEM), e do Gabinete de Informação e Atendimento à Vítima (GIAV).

Apenas foram inseridas informações e resultados pertinentes ao estudo, com respeito pela confidencialidade de toda a informação consultada. Os dados foram devidamente anonimados e arquivados em local apenas acessível à equipa de investigação.

Resultados

Crenças dos Agressores e Vítimas

De forma a caracterizar as crenças legitimadoras de violência conjugal nas amostras de agressores e vítimas, apresentam-se na Tabela 2 as médias dos valores obtidos no ECVC.

É de referir que foram excluídos das análises participantes onde se verificou o uso de desejabilidade social no preenchimento dos instrumentos de autorrelato ($n=32$), sendo que esta informação foi obtida através da leitura de relatórios correspondentes a cada agressor e vítima.

Através da tabela conseguimos perceber que tanto os valores dos agressores como das vítimas se encontram abaixo do ponto médio do total do instrumento, o que mostra uma prevalência baixa de crenças legitimadoras de violência doméstica. Destaca-se apenas, que estes valores totais se encontram mais altos na população de agressores do que na das vítimas da amostra.

É importante mencionar ainda que apenas no Fator 4 (Legitimação da Violência pela preservação da privacidade familiar) foi possível observar valores acima da média na população de agressores.

Tabela 2
Estatísticas Descritivas do ECVC da Amostra (N=56)

	M(DP)	Intervalo de Pontuação Total do Instrumento
Agressor_ECVC_Total	53.73(16.66)	25-125
Vítima_ECVC_Total	45.03(16.74)	25-125
Agressor_fator_1	32.25(10.73)	16-80
Agressor_fator_2	20.41(6.83)	10-50
Agressor_fator_3	18.89(6.53)	8-40
Agressor_fator_4	16.39(5.44)	6-30
Vítima_fator_1	26.26(10.3)	16-80
Vítima_fator_2	17.25(6.69)	10-50
Vítima_fator_3	16.59(7.47)	8-40
Vítima_fator_4	13.06(5.74)	6-30

Para explorar o efeito entre os quatro fatores do ECVC da vítima e do agressor, bem como os totais deste instrumento, foram feitos dois Testes-t de amostras emparelhadas.

É possível observar através da Tabela 3 que na pontuação total e em todos os fatores tem uma média significativamente superior à das vítimas, à exceção do fator 3 (Legitimação da Violência pela sua Atribuição a Causas Externas) em que não se observam diferenças.

Tabela 3

Testes-t de Amostras Emparelhadas entre o ECVC da Vítima e Agressor (N= 56)

	M(DP)	t	p
Vítima_fator1- Agressor_fator1	-4,92(11.03)	-3,219	.002
Vítima_fator2- Agressor_fator2	-2,65(7.99)	-2,397	.020
Vítima_fator3- Agressor_fator3	-1,92(8.38)	-1,655	.104
Vítima_fator4- Agressor_fator4	-3,02(6.36)	-3,479	.001
Vítima_ECVCTotal- Agressor_ECVCTotal	7.33(17.66)	2.992	.004

De forma a explorar a relação entre os fatores e valores totais do ECVC da vítima e do agressor foi utilizada a análise de Correlação de Pearson. É possível observar na Tabela 3 que existem correlações significativas, mas fracas, entre todos os fatores do ECVC da vítima e do agressor, bem como dos valores totais do instrumento.

Tabela 4

Correlação entre o ECVC dos Agressores e Vítimas da Amostra (N= 56)

	Agressor_ECVCTotal			
Vítima_ECVCTotal	0.455**			
	AGR_fator_1	AGR_fator_2	AGR_fator_3	AGR_fator_4
Vítima_fator_1	0.473**	0.332*	0.405**	0.407**
Vítima_fator_2	0.455**	0.331*	0.354**	0.381**
Vítima_fator_3	0.349*	0.305*	0.289*	0.317*
Vítima_fator_4	0.432**	0.311*	0.360**	0.385**

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$

Para verificar a associação entre as crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas presentes nos relatórios forenses, do casal, foi usado o teste qui-quadrado. Através deste teste é possível observar que existe uma associação significativa entre as duas variáveis ($\chi^2 = 6.68$; $p=0.018$). Podemos observar então que quando as vítimas têm crenças, 90.9% dos agressores também têm essas crenças, e que, quando os agressores têm crenças 63.6% das vítimas possuem também essas crenças.

Tabela 5
Associação entre as Crenças dos Agressores e Vítimas

			Crenças do Agressor		Total
			Presente	Ausente	
Crenças da Vítima	Presente	Contagem	40	4	44
		% em Vítima_Crenças_Relatório	90,9%	9,1%	100,0%
		% em Agressor_Crenças_Relatório	63,5%	26,7%	56,4%
		% do Total	51,3%	5,1%	56,4%
	Ausente	Contagem	23	11	34
		% em Vítima_Crenças_Relatório	67,6%	32,4%	100,0%
		% em Agressor_Crenças_Relatório	36,5%	73,3%	43,6%
		% do Total	29,5%	14,1%	43,6%

Relação entre Crenças e Violência

Relativamente à desejabilidade social podemos observar que 22 agressores (28.2%) recorreram ao uso da desejabilidade social, enquanto que 40 destes não (51.3%), ainda se pode destacar os 16 agressores (20.5%) onde não foi possível apurar o uso de desejabilidade social. Quanto às vítimas podemos observar que 10 (12.8%) recorreram ao uso da desejabilidade social, sendo que 48 vítimas (61.5%) não recorreram à desejabilidade social, e destaca-se que em 20 (25.6%) vítimas não foi possível apurar o uso de desejabilidade social.

É possível observar também, na presença de crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas segundo o relatório forense, que 63 agressores (80.8%) possuíam crenças segundo o relatório forense, e que os restantes 15 agressores (19.2%) não apresentavam estas crenças. Quanto às vítimas foi possível observar que 44 vítimas (56.4%) possuíam crenças, sendo que as restantes 34 (43.6%) não apresentavam.

Na variável partilha de crenças, onde se avalia se ambos os elementos da díade possuem crenças legitimadoras ou se só o agressor apresenta crenças, podemos observar que 39 díades (61.9%) possuem crenças legitimadoras, e que só 24 agressores (38.1%) possuem crenças (sem o elemento vítima).

Quanto aos fatores do I.V.C., que se encontram na Tabela 6 podemos observar que na maioria dos casais se encontram presentes todos os tipos de violência incorporados no instrumento (maus-tratos físicos, maus-tratos físicos severos e maus-tratos emocionais).

Tabela 6
Análise Descritiva do Instrumento IVC

			n	%
Fatores IVC	Maus-tratos Físicos	Presente	49	62.8
		Ausente	29	37.2
	Maus-tratos Físicos Severos	Presente	39	50
		Ausente	39	50
	Maus-tratos Emocionais	Presente	66	84.6
		Ausente	12	15.4

A relação entre as crenças legitimadoras de violência conjugal e a violência perpetrada na relação foi explorada através da Correlação de Pearson. Podemos observar que existem correlações significativas, embora fracas em magnitude, entre alguns dos fatores do E.C.V.C. e os fatores do I.V.C. do agressor, mas o mesmo não aconteceu com a vítima.

Os resultados relativos aos agressores encontram-se na Tabela 7. Podemos observar então que o fator 3 do E.C.V.C. (Legitimação da Violência pela sua Atribuição a Causas Externas) se encontra significativamente correlacionado com o fator 1 do I.V.C. (maus-tratos físicos). Também é possível observar que todos os quatro fatores do

E.C.V.C. do agressor se encontram significativamente correlacionados com o fator 3 do I.V.C. (Maus-tratos Emocionais). *Tabela 7*

Correlações entre os Fatores do E.C.V.C. e I.V.C. dos Agressores

	Agressor_fator_1	Agressor_fator_2	Agressor_fator_3	Agressor_fator_4
MT_Físicos	0.25	0.24	0.30*	0.22
MT_Físicos_Severos	0.17	0.14	0.24	0.11
MT_Emocionais	0.40**	0.37**	0.48**	0.35**

Notas: $p = 0.05^$; $p = 0.01^{**}$*

Foi realizada ainda uma correlação entre os fatores do IVC e os valores de ECVC Total dos agressores e vítimas da amostra. Nesta análise apenas os valores totais dos agressores produziram correlações significativas com os fatores do IVC. Os valores totais do ECVC dos agressores encontram-se então significativamente correlacionados com os fatores 1 ($r = .27$; $p = .044$) e 3 ($r = .424$; $p = .001$) do IVC.

De forma a poder comparar as crenças dos casais (obtidas através da análise de relatórios forenses e que se dividem em: casal com crenças; apenas agressor com crenças) e os fatores do IVC, foram realizados dois Testes-t. É de referir que foram retirados destas análises casos onde só as vítimas tinham crenças e onde nenhum dos elementos tinha crenças (isto de forma a manter os grupos homogéneos). Na variável maus-tratos físicos podemos observar que os grupos não produziram diferenças [$t(61) = 0.29$; $p = 0.77$], bem como nos maus-tratos físicos severos [$t(61) = 0.23$; $p = 0.82$] e maus-tratos emocionais [$t(61) = 1.03$; $p = 0.31$].

Discussão

O presente estudo tinha como objetivo comparar as crenças dos agressores e respectivas vítimas de violência nas relações íntimas da amostra. Também se pretendeu averiguar se a partilha de crenças no casal estaria relacionada com a perpetração/vitimação de violência na relação.

Foi possível observar que, no geral, a amostra teve valores globais de legitimação de violência nas relações íntimas baixos segundo o total de pontuação do instrumento ECVC, sendo que apenas na Legitimação da violência pela preservação de privacidade familiar se observaram valores acima da média do total do fator, na população de agressores. Estes valores baixos de crenças legitimadoras nos agressores não segue a literatura encontrada.

A população de vítimas deste estudo também tinha valores abaixo da média total no instrumento ECVC, o que sugere também uma presença baixa de crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas. Este resultado pode ser comprovado por um estudo realizado nesta matéria usando instrumentos de autorrelato (Herrero, Rodríguez & Torres, 2016).

Quando usadas metodologias de heteroavaliação (leitura e análise de relatórios forenses) é possível notar que a maioria dos agressores (80%) possui crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas e que mais de metade das vítimas (56%) também possui estas crenças. Estes resultados já seguem a literatura existente no tema (Lila, Herrero & Gracia, 2008; Harris, Hilton, & Rice, 2011; Lila, Gracia, & Murgui, 2013; Juarros-Basterretxea et al., 2019). T

orna-se então evidente a diferença no uso de instrumentos de auto e heterorrelato, onde se produzem resultados diferentes, devido à desejabilidade social de ambos os elementos da diáde.

No que diz respeito à desejabilidade social usada para o preenchimento de instrumentos de autoavaliação, pudemos observar que tanto agressores como vítimas utilizam este recurso para a diminuição ou mesmo negação da existência de crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas.

Este resultado corrobora o estudo de Henning e Holdford (2006), que tinham observado que os agressores usariam a desejabilidade social no preenchimento deste tipo de instrumentos. Apesar de não terem sido encontrados estudos que corroborem o uso da desejabilidade social no preenchimento de instrumentos de autorrelato pelas

vítimas, torna-se importante este tipo de análises em estudos futuros, devido à discrepância de resultados encontrados neste estudo.

Quanto à comparação dos valores de crenças legitimadoras de violência (relativamente ao ECVC) entre os agressores e vítimas da amostra podemos observar que estes são mais elevados nos agressores, tanto nos valores globais do instrumento, como em três dos quatro fatores deste instrumento (Legitimação e Banalização da Pequena Violência, Legitimação da Violência pela sua Atribuição a Causas Externas e Legitimação da Violência pela Preservação da Privacidade Familiar), sendo que apenas o fator 3 (Legitimação da Violência pela Conduta da Mulher) não produziu diferenças.

É de referir também que estudos que usam o ECVC na sua metodologia, demonstram que os homens terão níveis mais altos de crenças legitimadoras do que as mulheres, e sendo que a amostra de agressores é compreendida por homens e a de vítimas por mulheres, podemos concluir que este estudo segue essa mesma tendência (Domingues et al., 2009; Ventura, Frederico-Ferreira & Magalhães, 2013; Machado, Martins, & Caridade, 2014; Neves & Almeida, 2019; Neves, Machado, Machado & Pinheiro, 2019).

Este resultado poderá mostrar que, como os jovens do sexo masculino são incutidos pela sociedade para assumir ideais de género onde estes terão de ser mais dominantes e agressivos, onde as mulheres são mais submissas em relações íntimas. Esta comparação pode mostrar como sociedades patriarcais influenciam as crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas.

Resultado mostram que as crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas dos agressores se encontram correlacionadas com a prática de violência física e emocional, o que já tinha sido comprovado em literatura existente (Reitz, 1999; Lila, Herrero & Gracia, 2008; Harris, Hilton, & Rice, 2011; Lila, Gracia, & Murgui, 2013; Juarros- Basterretxea et al., 2019). Em relação às vítimas, não se apurou relações entre os seus índices de vitimação e as suas crenças legitimadoras de violência, mostrando que a presença de crenças não está relacionada com o facto de esta ser vítima de violência numa relação íntima.

O facto das crenças legitimadoras de violência estarem correlacionadas com a própria perpetração de violência pode indicar que estas mesmas crenças poderão ter influência nos comportamentos agressivos dos agressores do sexo masculino. E, sendo que as crenças das mulheres não se relacionam com a sua motivação, mostra que nem

sempre quando estas vítimas possuem crenças, que vão sofrer de qualquer tipo de violência na relação.

Foi também possível observar que existem associações significativas entre as crenças legitimadoras dentro do casal, onde em 90% das vítimas, os agressores partilhavam essas mesmas crenças, sendo um número significativo e elevado. Também se verificou que quando os agressores têm crenças, apenas 63.6% das vítimas partilham as crenças.

Observou-se que não existiam diferenças entre os grupos de partilha de crenças no casal e onde só o agressor apresentava crenças, ao nível da perpetração de violência emocional, física e física severa.

Esta partilha de crenças dentro dos casais foi também estudada por Yoshikawa e colaboradores (2014) tendo demonstrado que a partilha de crenças em casais não estaria associada com a perpetração de violência nas relações íntimas, apesar de a amostra ser composta por população normativa. Isto mostra que tanto em população normativa, como em população de agressores e vítimas, a partilha de crenças não está associada com a perpetração de violência, este resultado torna-se importante em termos científicos, isto por não ter de existir uma intervenção específica em ambos os elementos dos casais, ou elementos da díade de agressor-vítima.

Tendo em conta os resultados obtidos, existem implicações práticas a serem consideradas.

Primeiro, podemos destacar o tipo de intervenções realizadas em agressores. Visto que estas crenças se encontram intimamente relacionadas com a perpetração de violência, seria de extrema importância a redução destas crenças através de programas reconstrutores de cognições e crenças, transformando-as em cognições mais positivas e desconstruindo muitos dos ideais que estes agressores podem ter (como crenças de papel de género).

Se as cognições se encontram intimamente relacionadas com as crenças, torna-se então importante trabalhar em cognições mais positivas de diminuição de comportamentos agressivos e violentos, de forma a reconstruir estas crenças mais positivas e menos legitimadoras da violência

Se a intervenção nestas crenças for sucedida, poderá também reduzir o risco de reincidência na perpetração de violência nas relações íntimas. Também se torna importante referir o papel da desejabilidade social no preenchimento de instrumentos de autorrelato, que poderão inflacionar ou minimizar os resultados.

Se esta desejabilidade social for significativa, poderá influenciar negativamente os resultados das investigações científicas. Para diminuir o efeito da desejabilidade social, poderão existir medidas que a avaliem, ou usando instrumentos de heterorrelato para a recolha de dados.

Quanto às limitações deste estudo, pondera-se se o objetivo deste estudo foi bem explorado. Para que a exploração desta questão fosse mais profunda, teria sido necessária uma análise mais minuciosa dos relatórios forenses e entrevistas realizadas, de forma a perceber que nível e tipo de crenças que estariam presentes em cada agressor e sua respetiva vítima, no entanto esta situação foi contornada através do uso de diferentes formas de avaliação (auto e heterorrelato), bem como análises estatísticas diversas de forma a produzir resultados com relevância científica.

Também se destaca como limitação a dimensão da amostra, que poderá limitar a possibilidade de generalização dos resultados, caso fosse possível aceder a todos os casos legais de violência nas relações íntimas presentes em Portugal, a amostra poderia aumentar consideravelmente e aumentar a capacidade de generalização dos resultados obtidos. Apesar destas limitações, considera-se que os resultados obtidos trazem conhecimento científico na área das crenças para a díade agressor-vítima, ainda pouco explorada, e a relação entre as crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas com a perpetração de violência.

Caso este assunto seja mais explorado, pode-se encontrar novas formas de intervenção imediata e continuada na díade agressor-vítima e nas suas características, incluindo as crenças legitimadoras de violência nas relações íntimas

Para estudos futuros sugere-se uma amostra de agressores e vítimas mais variada, onde se poderiam realizar análises com agressoras do sexo feminino e vítimas do sexo masculino, bem como explorar os possíveis efeitos de diferentes culturas e etnias nas crenças legitimadoras de violência e a perpetração dessa mesma violência. Também se sugere a realização de uma investigação de teor misto, usando ambos métodos e análises quantitativas e qualitativas.

Caso isso aconteça, poderá se apurar diferenças em termos de sexo nos agressores e vítimas, vendo se causará alguma diferença na relação das crenças legitimadoras com a perpetração da violência, bem como na vitimação por parte de vítimas de ambos os sexos.

Em termos de cultura, é sabido que por vezes as crenças de género poderão mudar, explorar essas mesmas culturas com as medidas adequadas poderá trazer resultados ainda mais interessantes, com implicações na intervenção

Referências

- Bates E. A., Kaye L. K., Pennington C. R., & Hamlin I. (2018). What about male victims? Exploring the impact of gender stereotyping on implicit attitudes and behavioral intentions associated with intimate partner violence. *Sex Roles, 81*(1), 1-15. DOI: 10.1007/s11199-018-0949-x.
- Cantos A. L., Neidig P. H., & O'Leary K. D. (1993). Men and women's attributions of blame for domestic violence. *Journal of Family Violence, 8*(4), 289-302. DOI: 0885-7482/93/1200-0289\$7.00/0.
- Carlson, B. E., & Worden, A. P. (2005). Attitudes and Beliefs about domestic violence: Results of a public opinion survey: I. Definitions of domestic violence, criminal domestic violence, and prevalence. *Journal of Interpersonal Violence, 20*(10), 1197-1218. DOI: <https://doi.org/10.1177/0886260505278530>.
- Domingues M. I. F., Roldão A. B. J. C., Valença C. S. A., & Sousa A. M. F. (2009). Crenças sobre a violência conjugal: a influência de um plano de formação nos jovens. *International Journal of Development and Educational Psychology, 2*(1), 369-378. ISSN: 0214-9877.
- Eisikovitz Z. C., Edleson J. L., Guttman E., & Sela-Amit M., (1991). Cognitive styles and socialized attitudes of men who batter: where should we intervene?. *Family Relations, 40* (1), 72-77. DOI: 128.235.251.160.
- Felson, R. B., Feld, S. L. (2009). When a man hits a woman: Moral evaluations and reporting violence to the police. *Aggressive Behavior, 35*, 477-488. doi:10.1002/ab.20323.
- Gracia E., (2014). Intimate partner violence against women and victim-blaming attitudes among Europeans. *Bulletin of the World Health Organization, 92*(5), 380-381.
- Harris G. T., Hilton Z. N., & Rice M. E. (2011). Explaining the frequency of intimate partner violence by male perpetrators: do attitude, relationship, and neighborhood variables add to antisociality?. *Criminal Justice and Behavior, 38*(4), 309-331. DOI: 10.1177/0093854810397449.
- Herrero J., Rodríguez F. J., & Torres A., (2016). Acceptability of partner violence in 51 societies: the role of sexism and attitudes toward violence in social relationships. *Violence Against Women, 23*(3), 1-17. DOI: 10.1177/1077801216642870.
- Heise, L.L. (1998). Violence against women: an integrated, ecological framework. *Violence Against Women, 4*, 262-290. DOI: 10.1177/1077801298004003002.

- Henning K., & Holdford R. (2006). Minimization, denial, and victim blaming by batterers. How much does the truth matter?. *Criminal Justice and Behavior*, 33(1), 110-130. DOI: 10.1177/0093854805282322.
- Henning K., Jones A. R., & Holdford R. (2005). "I didn't do it, but if i did i had a good reason": minimization, denial, and attributions of blame among male and female domestic violence offenders. *Journal of Family Violence*, 20(3), 131-139. DOI: 10.1007/s10896-005-3647-8.
- Hutchings, J. N., Gannon, T. A., & Gilchrist, E. (2010). A preliminary investigation of a new pictorial method of measuring aggression-supportive cognition among young aggressive males. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 54, 236-249. DOI: 10.1177/0306624X0832535.
- Juarros-Basterretxea J., Overall N., Herrero J., & Rodríguez-Díaz F. (2019). Considering the effect of sexism on psychological intimate partner violence: a study with imprisoned men. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 11(2), 61-69. DOI: 10.5093/ejpalc2019a1.
- Lila M., Gracia E., & Murgui S. (2013). Psychological adjustment and victim-blaming among intimate partner violence offenders: The role of social support and stressful life events. *The European Journal of Psychology Applied to the Legal Context*, 5, 147-153. DOI: 10.5093/ejpalc2013a4.
- Lila M., Herrero J., Gracia E. (2008). Evaluating attribution of responsibility and minimization by male batterers: implications for batterer programs. *The Open Criminology Journal*, 1, 4-11. DOI: 1874-9178/08.
- Londt M., (2014). She's not a victim! she's my wife! intimate partner violence: fueled by dangerous perpetrator attitudes. *Social Work*, 50(4), 550-562. DOI: 10.15270/50-4-391.
- Machado C., Matos M., & Gonçalves M. M. (2006). *Manual de Escala de Crenças Sobre Violência Conjugal (E.C.V.C.) e do Inventário de Violência Conjugal (I.V.C.)* (2ª Eds.). Psiquilíbrios.
- Machado C., Martins C., & Caridade S. (2014). Violence in intimate relationships: a comparison between married and dating couples. *Journal of Criminology*, 2014, 1-9. DOI: <http://dx.doi.org/10.1155/2014/897093>.
- McCloskey K. A., Sitaker M., Grigsby N., & Malloy K. A. (2004). Characteristics of male batterers in treatment: an example of a localized program evaluation

- concerning attrition. *Journal of Aggression Maltreatment and Trauma*, 8(4), 67-95.
DOI: 10.1300/J146v08n04_04.
- Neves A. C., & Almeida I. S. (2019). Beliefs about intimate partner violence: gender and generation effects. *Psychology and Law: Research for Practice*, 63-74. DOI: 10.2478/9788395669682-006.
- Neves S., Machado M., Machado F., & Pinheiro F. (2019). Attitudes toward intimate partner violence and intimate partner acceptance-rejection among Cape Verdean students living in Portugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, 1-11. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3549>.
- Reitz R. R., (1999). Batterers' experiences of being violent – a phenomenological study. *Psychology of Women Quarterly*, 23, 143-165. DOI: 10.1111/j.1471-6402.1999.tb00348.x.
- Russel B., Kraus S. W., Chapleau K. M., & Oswald D. (2016). Perceptions of blame in intimate partner violence: the role of perpetrator's ability to arouse fear of injury in the victim. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-9. DOI: 10.1177/0886260516646999.
- Scott K., & Straus M. (2007). Denial, minimization, partner blaming, and intimate aggression in dating partners. *Journal of Interpersonal Violence*, 22(7), 851-871. DOI: 10.1177/0886260507301227.
- Seelau, S. M., Seelau, E. P. (2005). Sex-role stereotypes and perceptions of heterosexual, gay, and lesbian domestic violence. *Journal of Family Violence*, 20, 363-371. doi:10.1007/s10896-005-7798-4.
- Spruin E., Baker R., Papadaki I., Franz A., & Alleyne E. (2017). Exploring the belief systems of domestic abuse victims: an exploratory study. *Journal of Criminal Research, Policy and Practice*, 3(1), 17-26. DOI: 10.1108/JCRPP-10-2016-0028.
- Sunmola A. M., Mayungbo O. A., Ashefor G. A., & Morakinyo L. A. (2019). Does relation between women's justification of wife beating and intimate partner violence differ in context of husband's controlling attitudes in Nigeria?. *Journal of Family Issues*, 0(0), 1-24. DOI: 10.1177/0192513X19868831.
- Torres S., & Han H. (2003). Women's perceptions of their male batterer's characteristics and level of violence. *Issues in Mental Health Nursing*, 24(6), 667-679. DOI: 10.1080/01612840305317.

- Trujano P., Martínez A. E., & Camacho, S. I. (2010). Men victims of domestic violence: an exploratory study about perception and acceptance. *Diversitas: Perspectivas en Psicología*, 6(2), 339-354. ISSN: 1794-9998.
- Ventura M. C. A. A., Frederico-Ferreira M. M., & Magalhães M. J. S (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência*, 3(11), 95-103. DOI: <http://dx.doi.org/10.12707/RIII12120>.
- World Health Organization (2021). Violence Against Women. Retirado de: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>.
- Yoshikawa K., Shakya T. M., Poudel K. C., & Jimba M. (2014). Acceptance of wife beating and its association with physical violence towards women in Nepal: a cross-sectional study using couple's data. *PLOS One*, 9(4), 1-10.